

Cartografias afetivas na cidade: as esferas de pertencimento de jovens traficantes da Baixada Fluminense*

Diogo Lyra

Introdução

Com algumas exceções, a linguagem da violência parece ser o ponto de encontro entre pesquisadores e pesquisados quando o tema em foco são os jovens pertencentes às facções criminosas ligadas ao comércio de drogas. Identificados como protagonistas da violência urbana, esses jovens comumente são interpretados como indivíduos rompidos com a ordem social, refutando seus valores mais caros em nome da satisfação de seus desejos mais mundanos. Alheios à moralidade vigente, responderiam apenas às suas pulsões sem considerar mecanismo outro que não a instrumentalização de objetos e seres humanos no intuito da maximização de seus interesses, construindo-se ambigualmente no limiar entre a racionalidade de suas escolhas e a

* Texto apresentado no 37º Encontro Anual da Anpocs, de 23 a 27 de setembro de 2013, em Águas de Lindoia (SP).

irracionalidade de seus atos.¹ Uma vez que sua conduta seria marcada apenas pela violência, todas as suas ações tendem a ser analisadas sob este prisma, de forma a confirmar um *status* presumido de incivilidade, concebido a partir de repertórios culturais rígidos, que encapsulam a existência desses jovens no plano mais óbvio da força, do egoísmo e da ruptura social.

Minha intenção neste trabalho é oferecer um contraponto a esta perspectiva. Nesse sentido, começo com uma inversão de proposições: o interesse subjacente a esta reflexão é o de compreender traços de uma determinada juventude, e não um determinado tipo de violência do qual certa juventude constitui um dado agregado. Para tanto, parto do pressuposto consolidado entre teóricos do interacionismo de que indivíduos agem em relação às coisas conforme o significado que a elas atribuem, e que este significado antecede ou deriva da própria interação, sendo controlado ou transformado a partir de processos interpretativos levados a cabo por esses indivíduos.² Assim, minha ênfase recairá nos processos de interação social descritos pelos jovens que estudei durante meu trabalho de campo com internos de uma unidade socioeducativa da cidade de Nova Iguaçu, buscando compreender de que maneira esses adolescentes são capazes de criar laços coletivos, situando-os para além do mero interesse racional/irracional evocado por uma parcela expressiva de pesquisadores.

A partir da análise de algumas de suas categorias nativas, demonstrarei que, no lugar da noção de “ruptura” como elemento definidor da condição desses jovens, persiste o tema do isolamento social, que se manifesta tanto de maneira geográfica quanto simbólica, dificultando, mas não impedindo, a ampliação de suas *esferas de pertencimento*.

Por *esfera de pertencimento* me refiro ao conjunto de pessoas e lugares aos quais esses jovens se sentem ligados afetivamente, e que se afirma como produto direto de suas trocas sociais. Sua composição é determinada por categorias que ilustram não só diferentes níveis de interação, como também graus variados de identidade que dialogam diretamente com os significados atribuídos a cada uma dessas interações. Trata-se de um sistema classificatório pautado no cálculo afetivo, cujas categorias ora podem se referir a um determinado tipo de indivíduo, e, nesse caso, eles são apresentados como *personagens de afeto*; ora a algum lugar, constituindo *espaços simbólicos de identidade*. Minha intenção é apresentar três níveis de interação distintos que redundam na ampliação da esfera de pertencimento desses jovens. Analiso o

¹ Este ponto de vista pode ser encontrado em Zaluar (1985; 1994); Velho (1996); Spagnol (2005); Gomes (2003), entre inúmeros outros.

² Cf. Blummer (1969), mas também em Mead (1962), Schutz (1979) e Garfinkel (1967).

cria, o *ônibus* e o *playboy*, categorias representadas como uma escala crescente de ampliação de identidades coletivas. Vamos a elas.

I - O *cria*

A categoria *cria* diz respeito a todo morador, envolvido ou não com o crime, cujas raízes ao mesmo tempo remetam e se encontrem fíncadas na favela³ onde vive. Ele é, portanto, a forma mais *elementar* de classificação produzida pelos garotos armados; é a primeira identidade coletiva gerada nos círculos concêntricos de afeto mobilizados pelos jovens na construção simbólica do seu mundo social. Mas o que faz do *cria* um indivíduo especial? Quais são seus atributos *sui generis*?

As qualidades do *cria* dizem respeito às qualidades da própria comunidade. O *cria* as encarna, personifica num único corpo todas as instâncias simbólicas da dinâmica coletiva. O *cria* é homem e memória, substância e sentimento; é carne e espírito de sua comunidade. Sujeito “nascido e criado” no morro onde vive, com ele se confunde a tal ponto que partilha, com os outros *crias*, um *status* fraternal cujo peso simbólico é considerável. O *cria* é por si só uma identidade política, mas também uma categoria afetiva na qual todos são percebidos como “filhos” da comunidade e estão, por isso, obrigados a certos deveres uns com os outros.

O *cria*, como filho da comunidade, é também um irmão local. Aqueles que se reconhecem como tais estão, portanto, entrelaçados por uma origem comum e nascem, por assim dizer, como seres sociais reciprocamente atados por nós de lealdade. Enquanto a comunidade aparece como a fonte dos valores comuns que distinguem os *crias* de outros personagens, estes constituem, por sua vez, os portadores desses valores. Há entre eles um laço, que não é biológico, como na relação entre mãe e filho, mas que emula esse *status* e o transfere aos entes coletivos mais próximos dessa relação. *Comunidade* e *cria* estão para *mãe* e *filho* como a vida coletiva e a biológica estão para cada um desses pares respectivamente. O que ambas as representações possuem em comum, no entanto, é o fato de que espelham repositórios afetivos, referências morais, mas, também, raízes físicas, núcleos existenciais que projetam nos envolvidos sentimentos de confiança, fidelidade e identidade, um laço presumido que aferrolha indivíduos relativamente distantes. Se, como diz um dos jovens, “na favela as família são tudo misturada”, pouco importa saber se este é o caso de uma filiação afetiva ou biológica, pois ambas se fundem na representação do *cria* como um filho da

³ Utilizo livremente os termos “favela”, “morro” e “comunidade” para designar de forma genérica as localidades periféricas em que os garotos entrevistados viviam. A liberdade terminológica advém, por um lado, do próprio discurso dos jovens, mas também é mobilizada de forma a assinalar não o particular, mas aquilo que há de comum nas dinâmicas coletivas que caracterizam tais espaços.

comunidade e um irmão de espírito. É esta intimidade presumida que fará do *cria* um indivíduo com qualidades *sui generis*, sagradas, no arranjo da vida coletiva do morro, compondo um *personagem de afeto* elementar que corresponde ao *espaço simbólico de identidade* da comunidade onde o próprio jovem reside.

A simbologia contida na construção do *cria* é significativa e ajuda a compreender melhor sua condição especial. Em primeiro lugar, o *status* de *cria* não implica ausência de conflitos. Como em todo arranjo coletivo, também os *crias* brigam entre si, brigam com não *crias* e ambos, *crias* e moradores comuns, também protagonizam conflitos com os traficantes, que também podem ser ou não *crias* da comunidade. Em todas essas circunstâncias, a condição de *cria* por si só não garante a estabilidade do indivíduo ou grupo, nem a vitória de um *cria* sobre um morador comum no caso de conflito. Também não significa que ele será perdoado pelos traficantes se vier a infringir suas leis, mas em todos esses exemplos, seu *status* diferenciado ensejará condições facilitadas pela lealdade inata a ele devida. Mesmo em situações críticas nas quais se registra a infração de alguma lei grave, como o roubo na comunidade, o *status* de *cria* pode ser acionado, ou melhor, considerado, pelos garotos armados, de modo a suspender ou amenizar a punição.

O ritmo é esse, dos cara lá. Quer roubar ônibus também, roubar morador na favela, eles pegam, aí dá madeirada. Aí, quando tu rouba morador, se tu é *cria* da favela e os cara te conhece, aí os cara te dá recuperação. Aí tem uns que não faz nada se eles te conhecer na moral, vê que tu mora ali desde pequeno. Mas se for outros, mora na favela agora e rouba, aí o morador vai lá dar queixa, aí tem que botar a mão pros cara bater com a madeira. Aí outros não, já apanha, bate na canela com a madeira...

Se esta condição produz certos privilégios que se confirmam mesmo em situações graves que, a princípio, ensejam punição, para os garotos, tais privilégios constituem uma decorrência natural da intimidade que caracteriza o *cria*, afinal, ele nasceu na favela, onde as pessoas acompanharam seu crescimento, tendo convivido com ele durante toda a sua vida. Ele desfruta, portanto, de confiança e afeto, sentimentos que se interpõem ante o castigo e que mediam, em certo sentido, os conflitos de lealdades entre o tráfico e os valores do *cria*. No lugar da madeirada, ele terá seu “*status* jurídico” modificado, será um sujeito em “recuperação” — instrumento utilizado pelos garotos armados do morro que implica a *suspensão da punição* e a *suspeição* do indivíduo afetado (LYRA, 2013).

O que a simbologia do *cria* nos transmite é a representação da vida coletiva regida por valores comuns, valores que, por sua vez, apaziguarão os apetites sociais dos indivíduos, mediando seus conflitos por meio de cálculos afetivos e de identidade. O *cria* é mais do que um emblema local. Ele é a metáfora da ponderação, da virtude, das relações sadias entre seres sociais competitivos. A dinâmica de uma vida social regida por um conjunto de princípios ético-morais está integralmente refletida na metáfora que faz do *cria* um filho da comunidade e um irmão de todos.

O ônibus

O tema do *ônibus* remete a uma classificação *intermediária* dos garotos armados do morro. São interações com grau médio de proximidade, que ensejam uma lealdade relativa entre os indivíduos envolvidos nesta experiência. Na verdade, existe apenas uma projeção de proximidade, uma abstração ainda maior do que aquela exigida para formular a categoria *cria*. Não se trata mais de trocas situadas na zona de conforto da favela, mas de circunstâncias nas quais se imprime um distanciamento objetivo que obriga o jovem a um maior grau de generalização. Se no caso do *cria* é a experiência concreta entre mãe e filho que dá vida a uma abstração coletiva que representa a comunidade como genitora da vida social, entrelaçando os membros de um território político em comum, no tema do *ônibus* é essa própria abstração que servirá de base para a extensão de seus atributos a alguns usuários do transporte público. A categoria *ônibus*, portanto, remeterá a um *espaço simbólico de identidade* que emula as qualidades *sui generis* da comunidade, transformando seus passageiros em uma espécie de “crias distantes”. Estes, por sua vez, serão representados por diversos *personagens de afeto*, aqui introduzidos numa escala crescente de impessoalidade. O primeiro destes personagens é a *mãe*.

P: Já assaltou ônibus?

R: Nunca, isso aí é vacilação! Porque tua mãe tá ali. Tu vai jogar a peça na cara da tua mãe?! Na rua só se sua mãe der azar de passar na hora mesmo...

P: O fato de só ter trabalhador faz diferença?

R: Dentro do ônibus? Faz.

P: Qual a diferença de roubar na rua e no ônibus?

R: Pô, maior diferença! Porque na rua é 157 mesmo, no ônibus é vacilação.

O *ônibus* é percebido pelo jovem como uma extensão da sua comunidade. Para expressar sua impressão, ele mobilizará a própria mãe como encarnação dos passageiros presentes no coletivo. Porém, esta *mãe* a que ele se refere já não é um sujeito empírico, mas um *personagem de afeto*. Quando o jovem diz que não assalta *ônibus* “porque tua mãe tá ali”, ele mobiliza o tema da comunhão, não o da família, justamente porque este *personagem de afeto* não simboliza o que há de particular entre os sujeitos do *ônibus*, mas, ao contrário, encarna o que neles existe de universal. São figuras humildes, com as quais ele se identifica, identificando nelas as pessoas também humildes que residem desde o nascimento no seu próprio morro. Como vimos no tema do *cria*, a *mãe* e a comunidade são representações de valores morais, de raízes éticas, fundamentos primários de uma relação marcada pela imposição da reciprocidade. A *mãe* é a própria *humildade*, não material, mas simbólica, o *mana*⁴ que caracteriza a comunidade, e que também é transmitido aos usuários do *ônibus*, que passam a invocar seus atributos especiais.

Por isso, o *ônibus* é percebido pelos garotos armados como uma extensão da sua própria comunidade, pois ambos os espaços afirmam repositórios de identidade partilhada, personificam lugares e seres sociais cujos laços exigem confiança e respeito. Isso fica evidente na distinção que o jovem mobiliza ao refletir sobre a moralidade do assalto ocorrido na rua e no *ônibus*. No primeiro caso, a prática é categorizada como *157*, isto é, o assalto assume o significado de *trabalho*, enquanto a mesma ação, quando passada no *ônibus*, é categorizada como *vacilação*, ou seja, um ato moralmente condenável. Ao fazer o assalto na rua, somente o azar poderia levar o garoto a um encontro com o *personagem mãe*, que representa aí uma extensão do *cria*. Entretanto, ao assaltar um *ônibus*, o jovem não estará mais operando com o azar, e sim com a consciência da *vacilação*, justamente porque ele sabe das qualidades *sui generis* atribuídas ao coletivo, *espaço simbólico de identidade*, uma extensão de sua comunidade que, por analogia, é igualmente frequentado por *crias*, ainda que *crias distantes*. A narrativa a seguir reforça e sofisticada este argumento:

P: Já roubou *ônibus*?

R: *Ônibus* nunca roubei não, porque esse negócio aí é *vacilação*.

P: Por que você acha *vacilo* roubar *ônibus*? Não é a mesma coisa?

⁴ Para Mauss (2007, p. 143), o *mana* é uma qualidade mágica que confere certos atributos especiais a pessoas, locais e objetos. É um termo que designa simultaneamente qualidade, substância e atividade, e “realiza aquela confusão do agente, do rito e das coisas”, e é o elemento “que produz o valor das coisas e das pessoas”.

R: Não, sabe por quê? Nós vai roubar ônibus, e se tiver a mãe de um amigo? A mesma coisa nós não quer que aconteça com a mãe da gente. Ela tá pegando ônibus, outro vem e assalta...

P: Mas se a mulher do roubo [na rua] for mãe de um amigo?

R: Aí nós sabe que não é mãe de amigo, porque a mulher vem de Mac Donald's [sic], vem de Habib's, vem de hospital... aí nós sabe que não é mãe de amigo. Aí nós vai e prende...

De forma semelhante ao jovem que lhe precedeu, esse outro garoto apresenta uma versão mais sofisticada de seu sistema de classificação. O personagem *mãe* dessa vez aparece mobilizado a partir de uma categoria mais abrangente, a “mãe do amigo”, como representação dos usuários do ônibus. Afora essa pequena generalização, o argumento é quase o mesmo que o de seu colega. Contudo, existe uma diferença fundamental entre eles. Se, no primeiro caso, o jovem atribui ao azar seu encontro na rua com o *personagem de afeto* “mãe”, no depoimento seguinte o garoto se utiliza dos *espaços simbólicos de identidade* dispostos na própria rua para selecionar e evitar esses encontros. A *mãe do amigo* será associada aos espaços simbólicos com os quais ela de alguma forma se relaciona, sagrando-os perante o sistema classificatório dos jovens.

Da mesma forma que a categoria *mãe do amigo* está vinculada ao *ônibus*, isto é, que determinado *personagem de afeto* corresponde a um *espaço simbólico de identidade* específico, aquele que não é *mãe do amigo* também poderá ser identificado e classificado a partir de sua relação com lugares que expressam, no lugar da identidade, uma relação de distância. Porque aquele que “vem de Mac Donald's [sic], vem de Habib's, vem de hospital” (que acredito se tratar de uma clínica particular) não pode ser *mãe do amigo*, pois a *mãe do amigo* não frequenta esses lugares, não corresponde a esses espaços simbólicos; a *mãe do amigo* está no ônibus, mas não está nas redes de *fast-food*; a *mãe do amigo* está na rua também, mas não cuida de sua saúde em uma clínica particular.

Nesse sentido, o *ônibus* é especial, porque nele circulam pessoas cujas identidades remetem diretamente, ainda que de forma mais ampla, aos *personagens de afeto* produzidos na relação elementar de classificação do *cria*, isto é, os passageiros do ônibus corresponderão a uma extensão desse elemento primário. A *mãe*, nesse caso, não tem o mesmo peso que na classificação elementar, quando então a referência é de fato biológica. Aqui, ela apenas retrata, de forma incontestante, a presença da identidade, dos valores comuns e ampliados, partilhados entre os frequentadores do ônibus. Existe uma pro-

gressão evidente, uma cumulação de identidades generalizadas, uma lógica particular que incorpora pessoas e lugares de acordo com uma identidade presumida. É pelo cálculo afetivo que esse sistema de classificação operará esse processo de incorporação, que vai ampliando o espectro de pessoas e lugares catalogados pelos jovens a partir das trocas sociais que eles estabelecem. No trecho a seguir, veremos que a categoria *mãe de amigo* é substituída por outra, a do “trabalhador”, sem prejuízo da classificação até o momento apresentada, pois consiste em uma nova nomenclatura para o mesmo tipo de *personagem de afeto*:

P: Mas [assaltava] o quê? Ônibus, na rua?

R: Não, ônibus é vacilação! Mansão, tá ligado?! Ouro, tá ligado?!

P: Por que no ônibus é vacilação?

R: Pô, vários trabalhador! A maior vacilação que tem é roubar trabalhador, tá ligado?! Fica até no seguro pra não ficar junto com nós... maior vacilação! Tipo, tu tá ralando, só ganha só o teu salário mesmo pra se sustentar. Chega lá e te enquadra como, “é um roubo, um assalto!”, porra, tu dá teu dinheiro suado! Tu tem tua família, parceiro! Vai ficar desesperado no bagulho!

No lugar da própria *mãe* ou da *mãe do amigo*, este jovem mobilizará, sem prejuízo para a dinâmica do sistema classificatório em questão, o *personagem trabalhador* como representação dos usuários do ônibus. Porém, ainda que se trate de um mesmo *personagem de afeto*, nomeado de maneira diferente, sua substituição às categorias *mãe* ou *mãe de amigo* representa um passo adiante no processo de ampliação de sua esfera de pertencimento. Pela primeira vez, temos uma representação que não diz respeito senão a uma relação secundária com as instâncias elementares da família, visto que, diferente da sobreposição de sentidos entre os pares *mãe/filho* e *comunidade/cria*, a dupla *ônibus/trabalhador* está, no seu plano simbólico, relativamente apartada da experiência nuclear do jovem. Assim, o *trabalhador* já não é mobilizado como um elemento inteiramente familiar, ainda que dialogue diretamente com a própria existência da família: “Tu tem tua família, parceiro! Vai ficar desesperado no bagulho!” O *trabalhador* tem uma família, que não é exatamente a família do jovem, é outra qualquer na qual ele se reconhece. Por outro lado, o *personagem de afeto* “trabalhador” não é um assalariado qualquer. Ele representa o morador não envolvido, indivíduo que não se encerra no *cria*, mas que abrange todos aqueles que residem na favela:

P: E o que você acha do pessoal que rouba ônibus?

R: Merece a morte todos!

P: Por quê?

R: Só trabalhador! Todo mundo chegando tarde, cochilando no ônibus...

A definição do *trabalhador* é uma generalização do *morador*. A noção de distância, de cansaço, conexas ao tema do ônibus e de seus usuários, nos permite imaginar uma cena familiar ao jovem, na qual o indivíduo chega ao seu morro na Baixada, vindo de longe, já tarde da noite, após um longo dia de trabalho. Não há mais uma noção explícita de irmandade, mas ela ainda subsiste, de maneira difusa, na identidade subjacente ao conceito de *trabalhador*. Pode-se dizer que ele é o *cria* do mundo exterior ou o *cria distante*, representando todos aqueles que moram no morro, ou melhor, nos morros, e que se relacionam com a cidade por meio do trabalho. Como está claro no depoimento a seguir, morar no morro é a característica fundamental do conceito de *trabalhador*, cuja classificação não se vincula ao sujeito que exerce uma atividade remunerada, mas aos favelados não envolvidos com o crime:

P: Pra você tem diferença entre quem mora na pista e no morro? É melhor ou pior?

R: A única coisa é que quem é morador mora no morro, quem não é, mora na pista, na Baixada.

De forma similar ao dilema moral contido no tema do *assalto no ônibus versus assalto na rua*, em que a condenação não estava no ato em si, o assalto, mas na identidade do assaltado, o enquadramento simbólico de quem é ou não é “trabalhador” também depende de um cálculo afetivo, e não de uma constatação objetiva. No depoimento a seguir, o garoto narra um assalto praticado contra funcionários de uma clínica particular. A trama se desenrola em um ponto de ônibus na praça da Bandeira. As vítimas já tinham sido previamente apontadas por meninas que trabalhavam na mesma clínica e que conheciam os garotos assaltantes. Com elas teriam, inclusive, que partilhar seu botim, caso fossem bem-sucedidos. É um depoimento aparentemente contraditório, pois trata objetivamente de trabalhadores, isto é, pessoas que exercem uma atividade remunerada e que, além disso, estavam à espera de um ônibus. Entretanto, analisando essa narrativa à luz do sistema de classificação que

compõe a esfera de pertencimento dos jovens, percebemos que não existem contradições, pois os cenários e atores desse drama não refletem as qualidades *sui generis* que tornam um ônibus qualquer um *espaço simbólico de identidade* e nem um trabalhador comum um *trabalhador*, ou seja, um *personagem de afeto* que representa um *cria distante*.

P: Já roubou ônibus?

R: Não.

P: Mas o que você acha?

R: Eu acho isso errado.

P: Por quê?

R: Todos nós que é bandido acha isso errado. Quem pega ônibus é mais trabalhador, nossa família mesmo...

P: Mas você não acha que aquele dia na praça da Bandeira tinha trabalhador?

R: Tinha nada! As meninas que trabalhava na clínica já tinha dado pra nós já, que era dia de pagamento, que hora que eles ia sair da clínica, onde ficava o ponto... se nós se desse bem, nós também ia ter que dar um dinheiro pras menina lá.

O tema do *ônibus* foi um importante passo para compreendermos como o jovem classifica o que faz parte ou não de sua esfera de pertencimento. Com ele, os limites afetivos da comunidade foram transpostos para o mundo exterior, ampliando os *espaços de identidade simbólica* da favela para o transporte coletivo. Além disso, vimos a representação coletiva primária do *cria*, primeiro *personagem de afeto* emulado de uma experiência concreta com o núcleo familiar, se expandir a um nível mais abrangente, de forma a abarcar indivíduos fora da comunidade. Aos poucos, os *personagens de afeto* vão se distanciando da realidade empírica do jovem e tomando formas cada vez mais abstratas. Da própria *mãe*, como representação dos passageiros, chegamos à *mãe do amigo* e, finalmente, ao *trabalhador*. A passagem para esta última categoria, que remete a qualquer favelado não envolvido, marca a construção de uma identidade coletiva ainda mais geral, entendida como uma espécie de “cria distante”. Contudo, mães, irmãos, crias, comunidades, trabalhadores são todos personagens e espaços que remetem a variados graus

de experimentação, mas que ainda estão presos aos limites ora espaciais, ora simbólicos, da favela. Eles são como o “próximo”, construído à imagem e semelhança dos jovens e daqueles que os cercam. No entanto, até que ponto esses garotos são capazes de ampliar suas identidades coletivas?

O *playboy*

O tema do *playboy* exemplifica um tipo de classificação *complexa*, que nasce de um encontro entre indivíduos com *pouco ou nenhum grau de proximidade*, e que pode gerar laços *difusos* de lealdade. Encontros como este representam uma ampliação considerável da esfera de pertencimento do jovem por duas razões. A primeira consiste no fato de que o *playboy* e os espaços com os quais ele será identificado encontram-se muito distantes dos espaços e personagens até então estudados nas relações passadas no âmbito da comunidade ou do ônibus. Não temos mais a expansão do sentimento familiar encontrado no *cria*, tampouco a transmissão de suas qualidades *sui generis*, como constatadas no tema do ônibus. Trata-se de um retorno ao tema empírico, só que, dessa vez, não existe um laço prévio, como na relação entre mãe e filho, mas exige sua construção independente com indivíduos completamente estranhos. A segunda razão que faz do *playboy* uma categoria de expansão plena da esfera de pertencimento do jovem é porque não só o *playboy* é um estranho, mas, especialmente, porque ele é um tipo ideal antitético aos garotos armados do morro. Como veremos, para incluí-lo em sua esfera de pertencimento, os jovens terão que romper fortes barreiras que, *a priori*, definem a categoria *playboy* sob um ponto de vista estritamente negativo. Mas, para analisar esse contexto, é preciso antes compreender o que é um *playboy*, e o que ele representa para esses garotos.

P: E como é um *playboy*?

R: Ah, mano, quando eu vejo logo esses maluco todo engomadinho, sapatão grandão, cordãozinho de ouro...

A expressão mais óbvia do *playboy* está nas suas qualidades materiais. Ele seria, então, aquele que possui coisas, que as ostenta, aquele que detém bens e prestígio fora do alcance do jovem. Na descrição que o garoto faz do *playboy*, os elementos que o caracterizam nos dão a ideia de um executivo (“engomadinho, sapatão grandão, cordãozinho de ouro”) transitando apressado pelas ruas de uma cidade qualquer. Aparentemente, temos uma oposição puramente material: o indivíduo que é um *playboy* parece, aos olhos desse menino, alguém plenamente distinguível na mul-

tidão por conta dos símbolos de *status* que o diferenciam da realidade à qual ele está acostumado. Mas a classificação do *playboy* não é tão simples quanto supomos. Em primeiro lugar, o aspecto material que a princípio constitui seu elemento definidor é muito relativo, podendo abranger perfis bem mais humildes do que o de nosso suposto executivo. Como nos conta o menino do depoimento seguinte, um *playboy* pode ser simplesmente outro garoto como ele, mas que não precisa trabalhar para conseguir o que quer. De “executivo engomadinho”, o *playboy* se transforma em apenas mais um menino cujos pais podem garantir a satisfação de seus desejos.

P: O que é um *playboy* pra você?

R: Pra mim é quem não faz nada, tem tudo do pai e da mãe.

Essa maneira abrangente de perceber o *playboy* insinua modulações mais sutis, que não dizem respeito propriamente ao seu alcance material. Existe uma questão moral implícita nesta narrativa que o qualifica como aquele que “tem tudo do pai e da mãe”. Para esses meninos, o *playboy* é aquele que não precisa se esforçar para ter aquilo que quer. Não é o fato de possuir que importa na sua classificação, mas os mecanismos que ele aciona para atingir seus intentos. De um lado, essa característica é encarada com certo pesar, afinal, ela remete a um *status* socialmente desigual, uma relação que, narrada por um menino pobre, vem carregada de uma melancolia inescapável. Porém, em outros contextos, esta “fragilidade” será mobilizada pelos próprios jovens como um elemento de força, que incide sobre seu caráter, distinguindo-o moralmente, em chave positiva, do *playboy*. A próxima narrativa apresenta esse tema sob um ponto de vista interessante:

P: E nego rouba mais por quê?

R: Esses playboyzinho, vou mandar o papo reto, eles roba iludido pelo dinheiro, pelas droga, pelas mulé. Às vezes é playboy e não consegue pegar uma mina na moral. Vê nós, nós mora em favela — o *playboy* de favela é mendigo, tá ligado?! —, como, bota uma beca maneira, faz um reflexo, bota um celularzinho, chega em Copacabana como, de humilde, desenrola com uma gata e consegue pegar, e ele tá como? Desenrolando o maior tempão com a gata e não consegue pegar. Por quê? Nego acha que tem que ser à força, o bagulho não se trata assim.

O tema das conquistas amorosas é mobilizado de modo a espelhar esse antagonismo moral entre os garotos do morro e o *playboy*. A primeira distinção que o menino faz é sobre a polivalência deste conceito. Ele diferencia o “*playboy da favela*”, o qual classifica como “mendigo”, e o opõe a um “*playboy típico*”, morador do asfalto e da Zona Sul carioca. É o tipo ideal de *playboy* que retrata não só as disparidades econômicas, mas, sobretudo, a índole oposta de cada um. O garoto do morro sai “arrumado” para uma noite na Zona Sul, área do *playboy*. Com uma “beca maneira, faz um reflexo, bota um celularzinho, chega em Copacabana de humilde, desenrola com uma gata e consegue pegar”. É a vitória do *playboy-mendigo*, contrastada automaticamente com o insucesso do *playboy-ideal* que o jovem deseja destacar, sendo as razões alegadas para o triunfo e o fracasso de cada um a chave principal sobre essa oposição moral estabelecida entre eles. No caso do garoto do morro, muito embora ele destaque os adereços dos quais lança mão para impressionar o sexo oposto, a tônica de sua vitória reside no “desenrole”, isto é, no “papo”, na astúcia, na conversa habilidosa e cuidadosa que conquista aos poucos sua pretendente. Já o *playboy* falha e falha porque “acha que tem que ser à força”. O *playboy*, que “não faz nada, tem tudo do pai e da mãe”, é apresentado como incapaz de conseguir o que deseja por seus próprios meios. O tema da conquista amorosa não é mobilizado ao acaso pelo jovem, que propõe um dilema interessante passado justamente num plano em que a facilidade inata de satisfação do *playboy* não pode ser resolvida por terceiros, dependendo única e exclusivamente de seu esforço pessoal.

A cena é apresentada desde o início como uma competição entre os dois tipos de *playboys*: o mendigo, da favela, astuto, e o ideal, da Zona Sul, mimado. Até mesmo um cronômetro interno marca o tempo dos “competidores”. O garoto do morro chega na “humildade”, no “desenrole”, atinge seu intento, enquanto o *playboy* ainda faz sua tentativa. O tema da força vem em seguida, como se sugerisse uma abordagem mais agressiva do *playboy-ideal*, que parece frustrado com o seu fraco desempenho. Trata-se de uma batalha simbólica entre esses dois indivíduos, e a disputa narrada pelo garoto se apresenta como uma forma de revanche. O que está em jogo não é a conquista amorosa ou o quão rápido ela sucedeu. A tônica do depoimento reside nos recursos do *playboy-mendigo* e do *playboy-ideal*, contrapondo a vitória do esforço e da astúcia sobre a apatia daquele que consegue tudo de fontes externas a ele próprio. O revanchismo contido nessa narrativa não parte de um rancor especialmente fundado no desequilíbrio material, mas conota um antagonismo moral, uma antipatia implícita e preexistente que é inferida a partir dessa diferença. Nesse sentido, ter mais dinheiro, mais recursos, não é a razão em si dessa oposição, mas um fator que contribui para que o *playboy* se torne

dependente desses recursos e que, por isso, faz de suas conquistas não um emblema pessoal, mas uma aquisição vazia, comprada, por assim dizer, sem esforço ou merecimento. Assim, considerando a vida difícil de muitos desses garotos, tanto o menino que é bancado pelos pais quanto o executivo engomadinho constituem representações diferentes dessa mesma característica comum, isto é, a facilidade com que satisfazem suas necessidades e superficialidades vitais. Como recurso reativo, há um desdém que se manifesta *a priori* nessa relação, uma projeção de distância que intimida os garotos e, ao mesmo tempo, os impele à “guerra”.

P: Você se considera um cara maneiro?

R: Mais ou menos.

P: Qual é o teu ponto fraco?

R: Eu acho que eu sou marrento um pouco. Mais ou menos, não é tanto assim não. É mais quando eu não conheço a pessoa assim, e eu acho que a pessoa é marrenta, aí eu quero ser mais marrento que a pessoa ainda.

P: Você me achou marrento?

R: Não, tranquilão.

P: Você acha que eu tenho tipo de *playboy*?

R: Pô, tem tipo cara daqueles “cara da antiga”, tipo aqueles pensador!

Esta é uma narrativa fulcral para a compreensão dos mecanismos de classificação operados em circunstâncias totalmente novas. É preciso analisá-la com cuidado. Nela, o garoto destaca o tema da reciprocidade como determinante para suas trocas sociais e, sobretudo, para seu sistema de classificação. Inquirido sobre seu “ponto fraco”, ele remeterá à sua *marra*, isto é, um sentimento de superioridade que, no entanto, é enfatizado pelo jovem como sendo de origem defensiva. Nesse sentido, seria a *marra* presumida do indivíduo estranho, desconhecido, que ativaría nesse garoto uma reação antecipada baseada num comportamento ainda mais *marrento*. Obedecendo a mesma dinâmica observável na construção dos *personagens de afeto*, nos quais o jovem projeta intimidade, ele construirá o “outro”, aquele que lhe é estranho, a partir de impressões de distância, nele projetando sentimentos de desconfiança e enfrentamento. O *playboy*, por todas as características ressaltadas até aqui,

simboliza o elemento mais desafiador à autoestima desses meninos pobres. Sem dúvida, a vontade de sobrepujá-lo, aludida anteriormente, decorre desse sentimento que mistura inferioridade e força. Mas até que ponto essa é uma condição definitiva?

Como venho afirmando, o sistema de classificação utilizado pelos jovens entrevistados se dá com base nas trocas sociais que eles experimentam. São seus desfechos, positivos ou negativos, que determinarão o lugar sentimental de cada uma delas na esfera de pertencimento dos garotos armados do morro. Tomemos um exemplo factual. No curso das entrevistas, costumava perguntar aos garotos se eu era um *playboy*. A julgar pelas nuances de sua definição, eu preencheria, aparentemente, todos os pré-requisitos necessários para ser enquadrado como tal. Usava trajes diferenciados, residia na Zona Sul e me impunha no seu ambiente realizando um tipo de trabalho estranho ao seu cotidiano. Mas seria eu um *playboy*?

É claro que, pelas experiências que tive durante o trabalho de campo, eu poderia facilmente prever que a resposta dos garotos me situaria fora dessa categoria. Sabia que nossa relação, embora marcada pela diferença, já tinha sido categorizada sentimentalmente no quadro simbólico de experiências positivas, razão pela qual eu não era mais um estranho. Minha intenção, nesse caso, era avaliar quais as razões alegadas por eles para que eu fosse um “próximo”, e não mais o “outro”. No último depoimento, perguntado se eu representava um *playboy*, o garoto foi obrigado a improvisar um *personagem de afeto*, o “cara das antiga, aqueles pensador”, que remete não só ao meu papel de pesquisador naquela instituição, como propõe sutilmente um laço de afetividade semelhante ao percebido na relação entre professor e aluno. Analisando a lógica empregada nessa classificação, o pesquisador seria um indivíduo “tranquilão”, sem *marra*, fator determinante para negar a categoria de *playboy* que ele mesmo propôs ao jovem, cuja réplica implicou a construção imediata de um novo personagem de afeto *não playboy*. Contudo, parece que essa categoria teima em se repetir como uma classificação negativa sobre o “outro”, uma alusão pejorativa que perde a validade sempre que a experiência de troca se mostra válida. Os indícios levam a crer que o termo de fato distingue o indivíduo familiar de um “outro” indevassável, repulsivo, uma verdadeira antítese social. Se assim o fosse, então seríamos obrigados a admitir que, sendo má a experiência com o “outro”, ele poderá ser classificado como *playboy*; já uma troca bem-sucedida implica a construção de outra categoria qualquer “*não playboy*”. Encontrar-se no *playboy*, então, seria o maior desafio do garoto do morro para um pleno reconhecimento da

alteridade, uma vez que a própria classificação aparentemente encontra-se eivada de significados negativos. Mas vejamos o próximo depoimento:

P: Pra você, o que é um *playboy*?

R: Ah, o menor que tipo, como, só fica em casa e na escola e mais nada. Tudo o que quer ganha: carro, moto, tá ligado?!

P: Se você me visse na rua, ia me achar *playboy*?

R: Que nada!

P: Mas qual a diferença entre eu e um *playboy*?

R: Pô, nenhuma!

P: Pra você, o *playboy* é mais o vacilão ou quem tem dinheiro?

R: Mais o vacilão, eles são muito arrogante. *Mas os playboy que usa droga são tranquilão, zoa pra caralho...*

O conteúdo desta última narrativa é praticamente igual a todos os outros. A conceituação elástica do *playboy*, seu antagonismo mais moral do que material, sua inaplicabilidade à minha pessoa, mesmo sem diferenças objetivas entre nós. São temas que se repetem e confirmam o argumento que apresentei até aqui. Porém, na última sentença deste depoimento, o garoto do morro finalmente constrói um *personagem de afeto* que escapa ao dualismo *playboy/não playboy*, sem deixar de remeter a esta categoria e diferenciá-la de sua concepção negativa inicial: o *playboy drogado*. É a primeira referência positiva que incorpora o *playboy* gerando uma identidade coletiva ampliada e independente da comunidade. Trata-se, em essência, de uma classificação afetiva que só foi possível a partir de uma experiência bem-sucedida entre um *playboy-ideal* e um garoto armado. Foi na relação estabelecida entre eles, possível no contexto de uma inversão de *status*, visto que provavelmente se passa no morro, relação na qual o *playboy* é o elemento frágil e subserviente à vontade dos garotos da boca, que eles puderam conhecer melhor este que, até então, era seu antagonista. Decerto, o uso recreativo de drogas aos poucos foi apaziguando a tensão inicial, e o que era apenas uma relação comercial entre estranhos se transforma em bons momentos de riso, de “zoação” conjunta. Notem que o adjetivo utilizado para caracterizar o *playboy drogado* foi “tranquilão”, o mesmo empregado por outro jovem para definir meu *status*. Como vimos no tema do *ônibus*, em que as categorias *mãe*, *mãe do amigo* e *trabalhador* consistiam em dife-

rentes nomenclaturas para o mesmo *personagem de afeto* (o usuário do ônibus), os conceitos de “*playboy drogado*” e de “*cara das antiga*” são apenas diferentes nomes para um mesmo tipo de indivíduo, no caso, o “outro” positivamente enquadrado. Por outro lado, é a partir desta classificação complexa, que resulta em um novo *personagem de afeto* completamente alheio à sua realidade, que o jovem passará a identificar, fora de sua comunidade, novos *territórios simbólicos de identidade* paulatinamente associados ao *playboy drogado*. Esta dinâmica se encontra expressa no próximo trecho:

P: Você já curtiu praia?

R: Várias praia. Barra, Copacabana, Ipanema, Leblon...

P: E os *playboys* se bolavam?

R: Pô, ficavam. Depende da praia. Tem praia que só tem maconheiro mesmo...

A construção do *personagem de afeto* “*playboy drogado*” é baseada em uma troca que se passa no contexto de um uso coletivo de drogas, provavelmente em uma boca de fumo. Porém, conforme as características desse conceito vão se firmando, compondo uma identidade ampliada, o jovem é capaz de associá-lo, como fez em outros casos, a lugares específicos, dotados de qualidades *sui generis*. São muitas as praias que ele frequenta, mas existem aquelas nas quais seus visitantes contumazes não se importam, ou ao menos assim são percebidos, com a presença desses garotos. É na praia em “que só tem maconheiro”, além da boca, que ele encontrará o *personagem playboy drogado*, modulação positiva de um tipo tomado *a priori* como hostil. Temos, finalmente, a construção de um novo par, *playboy drogado* / *praia de maconheiro*, respectivamente, um *personagem de afeto* e um *espaço simbólico de identidade*, totalmente desvinculados de suas experiências sociais cotidianas. É uma ampliação significativa da esfera de pertencimento dos garotos armados do morro, e sua dinâmica pode ser replicada em diversos outros personagens igualmente estranhos e distantes, como, aparentemente, se apresenta o *playboy*.

Palavras finais

Sinteticamente, o processo de ampliação das esferas de pertencimento dos garotos armados do morro depende de trocas sociais em diferentes níveis. Pode se apresentar como objetivação do mundo social mais íntimo, como no caso do *cria*. Pode transpor as barreiras da comunidade, transferindo seu *status* a indivíduos e lugares relativamente fora do eixo doméstico, como vimos no tema do *ônibus*. Pode até mesmo domesticar antagonismos, trans-

formando um *playboy* em mais um *personagem de afeto*. Esse processo, porém, determina diferentes graus de lealdade que dependem, por sua vez, do cálculo afetivo que ata um garoto socialmente isolado a um indivíduo ou lugar qualquer. É um sistema de classificação que constrói identidades coletivas, mas é também um panteão sentimental do qual se infere toda uma visão de mundo. O que ele nos sugere, contudo, é menos estimulante e mais constrangedor. Faz-nos questionar o ímpeto desbravador de “nossa” própria esfera de pertencimento que, parca nos seus *personagens de afeto*, exige dos garotos armados do morro um tipo de lealdade sem laço. Ou melhor, *no laço*.

Referências bibliográficas

BLUMMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1969.

GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge: Polity, 1967.

GOMES, Maria de Fátima C. M. Sonhos urbanos e pesadelos metropolitanos: violência e segregação na cidade do Rio de Janeiro. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. 7, n. 146, p. 131, ago. 2003.

LYRA, Diogo. *A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

MACHADO DA SILVA, L. A. (Org.). *Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MEAD, G. H. *Mind, Self & Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SPAGNOL, Antonio Sérgio. Jovens delinquentes paulistanos. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 275-299, nov. 2005.

VELHO, Gilberto. *Violência, reciprocidade e desigualdade*. In: _____. ALVITO, M. (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *O condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan/Editora UFRJ, 1994.